RESUMO

Desde os primórdios da humanidade, quando os seres humanos adquiriram a capacidade de se comunicar, a arte de contar histórias tem sido uma das principais formas de transmitir conhecimento às gerações futuras. Mesmo diante do cenário atual repleto de avanços tecnológicos, é difícil imaginar como era a vida naquela época, mas podemos conhecer um pouco sobre ela por meio das tradições orais. À medida que o tempo passou, a humanidade evoluiu e a escrita foi inventada, seguida por inúmeras outras invenções que nos trouxeram à era atual, altamente informatizada. Nesse contexto, o ser humano tem sido cada vez mais substituído por máquinas e equipamentos. Infelizmente, muitas vezes optamos por trocar conversas em encontros com amigos por interações em redes sociais. Essa mudança de comportamento tem impactos negativos, já que perdemos a essência das conversas presenciais, a troca de experiências, a conexão humana genuína. As redes sociais podem oferecer uma forma de comunicação instantânea, porém também podem distanciar as pessoas, criando uma ilusão de conexão sem a profundidade e a intimidade que os encontros pessoais proporcionam. É importante lembrar a importância das histórias e da comunicação face a face. O ato de contar histórias, de ouvir atentamente e de compartilhar experiências pessoais é uma maneira valiosa de manter viva a tradição oral e fortalecer os laços entre as pessoas. Precisamos encontrar um equilíbrio saudável entre o uso das tecnologias e a valorização das interações humanas reais, para que não percamos a riqueza das histórias que moldam nossa cultura e nos conectam como seres humanos.

Palavras-chave: Comunicação; Cultura; Equilíbrio;

## INTRODUÇÃO

A narração de relatos é uma prática ancestral que remonta aos primórdios da humanidade. Era uma forma de as pessoas compartilharem suas vivências, transmitirem saberes e estabelecerem laços sociais. Com o tempo, a narração de histórias passou a ser utilizada também como uma ferramenta pedagógica. Ela pode auxiliar as crianças a desenvolverem a linguagem, a imaginação e a criatividade. Além disso, pode contribuir para que elas aprendam sobre distintas culturas e compreendam o mundo ao seu redor.

Existem inúmeros benefícios em relatar histórias para crianças. Ela pode auxiliar a:

Promover o desenvolvimento linguístico: as crianças adquirem novos termos e expressões ao escutarem narrativas. Elas também aprendem a empregar a linguagem de maneira mais inventiva e expressiva.

Estimular a imaginação: as histórias transportam as crianças para universos novos e fantásticos. Elas auxiliam as crianças a estimularem sua imaginação e criatividade.

Aprender sobre distintas culturas: as histórias podem apresentar às crianças diferentes culturas e perspectivas. Isso pode auxiliar as crianças a compreenderem o mundo ao seu redor e se tornarem mais tolerantes e compreensivas.

Fomentar o pensamento crítico: as histórias podem auxiliar as crianças a desenvolverem seu pensamento crítico. Elas podem levar as crianças a refletirem sobre os valores e as mensagens presentes nas narrativas.

A narração de histórias é uma ferramenta poderosa que pode trazer benefícios significativos às crianças. É uma forma divertida e envolvente de aprender e crescer.

Aqui estão algumas sugestões para relatar histórias às crianças:

Selecione relatos adequados à idade e ao interesse das crianças;

Utilize uma linguagem simples e compreensível;

Estabeleça contato visual com as crianças e exprima-se com emoção;

Recorra a recursos visuais, como ilustrações, objetos e melodias, para tornar as histórias mais envolventes;

Estimule a participação das crianças na história, formulando perguntas e solicitando que elas adivinhem o que ocorrerá a seguir.

A narração de histórias é uma atividade prazerosa e recompensadora que pode trazer benefícios significativos às crianças. Caso você seja um adulto, considere relatar histórias às crianças presentes em sua vida.

Pennac (1993) afirma:

A criança continuaria a ser um bom leitor se os adultos ao seu redor alimentassem seu entusiasmo em vez de testar sua competência, se estimulassem seu desejo de aprender em vez de impor o dever de recitar, se o acompanhassem em seu esforço

sem se contentar em esperar para ele. Ao virar da esquina, se concordassem em perder as tardes em vez de tentar ganhar tempo, se fizessem o presente vibrar sem brandir a ameaça do futuro, se se recusassem a transformar o que era um prazer em uma tarefa difícil, se alimentaram esse prazer até. Será transmutado em dever, se esse dever se sustentar na gratuidade de qualquer aprendizado cultural, e eles próprios recuperarão o prazer dessa gratuidade. (p. 13)

Considerando que as contradições são uma realidade e que muitas vezes são usadas para questionar nossas crenças, não compartilhamos da crença no valor da contação de histórias, da leitura de histórias e do aprendizado da leitura e escrita.

Segundo Zilberman & Lajolo (2005), as histórias e os livros que lemos na infância permanecem em nossa memória, e as lembranças ressurgem quando permitimos seu retorno. Coelho (1995) afirma que uma história não termina quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, alimentando sua imaginação criativa. Além disso, ele destaca que a contação de histórias não é apenas uma atividade lúdica, mas também trabalha as emoções, a socialização e a atenção dos envolvidos.

Nesse contexto, ressalta-se a importância contínua da leitura, especialmente no ambiente escolar. No entanto, isso não significa negar a relevância e as contribuições de diferentes espaços e contextos.

## COMO CONTAR HISTÓRIAS

Acredita-se que a arte de narrar histórias, quando aplicada de forma organizada no ambiente escolar, desempenha um papel significativo no desenvolvimento do interesse pela leitura e escrita entre crianças e adolescentes.

Moraes (2012, p.17) ressalta que o contador de histórias, como agente, possui várias decisões a tomar em relação ao processo de adaptação e ao momento de contar a história. Essas decisões incluem convidar os ouvintes a se envolverem e descobrirem a história, criar um ambiente propício, estabelecer tanto o cenário real quanto o imaginário, fazer alterações na voz, entre outros aspectos que caracterizam a magia e o encantamento.

Contar histórias é uma forma poderosa de conectar as crianças com os livros e o aprendizado. Quando um professor conta uma história, ele cria uma experiência envolvente e significativa para os alunos.

Segundo Batista (2007), o professor deve se posicionar de maneira agradável e confortável ao contar uma história. Ele também deve organizar as crianças de forma que todos possam ver o contador. Isso ajuda a criar uma sensação de cumplicidade entre o contador e os ouvintes, o que pode ajudar a despertar o interesse e o engajamento.

A contação de histórias também pode ajudar as crianças a desenvolver sua imaginação e criatividade. Quando as crianças ouvem uma história, elas são convidadas a visualizar o cenário, os personagens e os eventos. Isso pode ajudá-las a desenvolver suas habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas.

Além disso, a contação de histórias pode ajudar as crianças a aprender sobre diferentes culturas e perspectivas. Quando as crianças ouvem histórias de diferentes partes do mundo, elas podem aprender sobre diferentes formas de vida e diferentes maneiras de ver o mundo.

Por fim, a contação de histórias pode simplesmente ser uma ótima maneira de as crianças se divertirem. Quando as crianças ouvem uma história, elas podem relaxar e deixar sua imaginação correr solta. Isso pode ser uma ótima maneira de desestressar e aproveitar o tempo livre.

Em conclusão, contar histórias é uma atividade valiosa que pode trazer muitos benefícios para as crianças. Os professores que contam histórias podem ajudar as crianças a aprender, crescer e se divertir.

Dentre as pesquisas identificadas, Leiria (2011), Souza (2010) e Rivoire (2012) apontam uma preocupação central: a importância da formação contínua visando a constante sensibilização do professor em relação à contação de histórias, à leitura, ao conhecimento das obras literárias e de seus autores, bem como às relações que permeiam a arte de narrar histórias.

Conforme Leiria (2011), a prática de narrar histórias em sala de aula requer consistência e continuidade. Trata-se de uma atividade formativa que é essencial para estabelecer o apreço pela arte de ouvir e participar de rodas de contação, uma prática que está sendo negligenciada ou silenciada. Segundo a pesquisadora, aprender essa arte está ligado ao compromisso contínuo de aprendizado e empenho no exercício desejado.

A pesquisa em análise ressalta a necessidade de aprimoramento na arte de contar histórias, especialmente diante do contexto altamente persuasivo e tecnológico, que demanda constantemente a atenção das crianças. É mencionada a importância de buscar novas técnicas e referenciais com formação específica.

Seguindo essa linha de raciocínio, Rivoire (2012) destaca a importância do professor buscar diferentes abordagens para despertar o interesse das crianças pela lei-

tura, evitando tornar a contação de histórias algo rígido. É essencial que o professor traga suas contribuições baseadas em experiências cotidianas. Contar histórias é contagiar a criança, é se apropriar da história e reconstruí-la a partir de sua realidade e vivências.

Dando destaque ao que foi discutido, enfatizamos o papel crucial do professor. Segundo Souza (2010), o professor, como contador de histórias, desempenha o papel de formador de futuros leitores. Nessa posição, é fundamental despertar a imaginação e a fantasia dos estudantes por meio das histórias, permitindo que eles participem, aprendam e desenvolvam a habilidade de reconstruir a narrativa, tornando-se protagonistas de sua própria jornada. O gosto pela leitura só será cultivado quando o professor conseguir estabelecer uma conexão significativa entre o texto e o leitor.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SEUS CAMINHOS

A narração oral é uma forma de comunicação que existe há séculos. Ela é capaz de compartilhar experiências humanas como nenhuma outra forma de comunicação, cativando ouvintes de todas as idades. À arte de contar histórias teve origem nos primórdios da humanidade, por meio da tradição oral, e se intensificou na Grécia Antiga e no Império Árabe.

No século XXI, estamos presenciando um ressurgimento da arte da narração oral, tanto por parte dos contadores tradicionais quanto dos profissionais. Isso se deve ao fato de que a narração oral é uma abordagem eficaz para promover a leitura e a contação de histórias.

As histórias contadas oferecem inúmeras oportunidades para expandir nossos horizontes, estimular a criatividade e cultivar habilidades essenciais, como a capacidade de ouvir e praticar a escuta ativa, que são fundamentais para diversos processos cognitivos.

A contação de histórias é uma prática ancestral que atravessa os tempos, e os caminhos que ela percorre são diversos e fascinantes. Desde os tempos primordiais, quando nossos antepassados se reuniam ao redor do fogo para compartilhar suas experiências e transmitir conhecimentos, até os dias atuais, em que a tecnologia nos permite explorar novas formas de contar histórias, essa arte tem evoluído e se adaptado às necessidades e contextos de cada época.

Um dos caminhos da contação de histórias reside na tradição oral, em que narradores habilidosos usam sua voz, expressões faciais e gestos para cativar o público. Nessa forma mais clássica, a história ganha vida através da voz do contador, que transporta os ouvintes para mundos imaginários, despertando emoções e estimulando a imaginação.

Outro caminho é a contação de histórias por meio da escrita, em que os contos são registrados em livros, revistas ou outros suportes escritos. Nessa forma, as histórias podem ser apreciadas individualmente, permitindo que cada leitor crie suas próprias imagens e interpretações. A leitura silenciosa nos leva a uma jornada íntima e pessoal, em que somos os protagonistas da história.

Com o avanço da tecnologia, surgiram novos caminhos para a contação de histórias. A era digital trouxe consigo os audiolivros, podcasts e plataformas de streaming, que permitem que as histórias sejam acessadas a qualquer momento e em qualquer lugar. Agora, é possível ouvir um contador de histórias em seu próprio smartphone ou tablet, mergulhando em narrativas envolventes enquanto realizamos nossas atividades diárias.

Além disso, a contação de histórias também encontrou espaço nas telas, com filmes, animações e séries que adaptam e reimaginam contos clássicos e histórias originais. Essas produções audiovisuais proporcionam uma experiência visual e sonora única, transportando o público para cenários deslumbrantes e dando vida aos personagens.

Outro caminho interessante é a contação de histórias em espaços públicos, como praças, parques e bibliotecas. Eventos como festivais de contação de histórias reúnem contadores profissionais e amadores, que compartilham suas narrativas com o público, criando um ambiente de interação e conexão. Esses espaços se tornam verdadeiros centros de encontro, onde pessoas de diferentes idades e origens se reúnem para ouvir e contar histórias.

Os caminhos da contação de histórias são infinitos, pois ela se adapta e se reinventa de acordo com as necessidades e interesses de cada época. Seja por meio da tradição oral, da escrita, da tecnologia ou dos espaços públicos, a contação de histórias continua encantando e cativando pessoas de todas as idades, transmitindo conhecimento, cultivando a imaginação e fortalecendo os laços sociais. É uma arte que nos conecta com o passado, nos envolve no presente e nos inspira a criar um futuro repleto de histórias fascinantes.

Desde o nascimento, interagimos com os outros e assimilamos ativamente os sinais, o que nos permite aprimorar nossos conceitos e conhecimentos. Quanto mais histórias as crianças ouvirem e quanto mais interagirem com adultos, melhor será para seu desenvolvimento, pois é por meio da interação com os outros que elas aprendem e

crescem.

Quando as crianças leem por prazer, isso contribui para o desenvolvimento de funções cognitivas superiores e do pensamento abstrato. Através da leitura e da contação de histórias, é possível explorar e aprender sobre diversos conteúdos educacionais, compreender o mundo ao nosso redor e adquirir conhecimentos de maneira divertida e prazerosa.

A narração oral é uma ferramenta poderosa que pode ser usada para promover a aprendizagem, a criatividade e o desenvolvimento humano. Ela é uma forma de comunicação que remonta à antiguidade e, paradoxalmente, permanece extremamente relevante nos dias de hoje. É uma arte que deve ser preservada e valorizada.

Segundo Busatto (2003),

Os contos de fadas tomaram conta da Europa a partir do século XII e foram registrados por alguns ilustres conhecidos, como o francês Charles Perrault (1628-1703), que reuniu contos da tradição oral e editou um livro intitulado “Contos da Mãe Gansa”. Na Alemanha os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os Irmãos Grimm, publicaram os contos colhidos da boca do povo, principalmente de uma camponesa chamada Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fazem parte do primeiro livro da dupla, Contos para Crianças e para o Lar, foram contados por ela. (BUSATTO, 2003, p. 23- 24).

Busatto (2003) também menciona que um dos contos mais famosos é o de João e Maria, coletado da cultura popular pelos irmãos Grimm. Da Grécia, temos as Fábulas de Esopo, uma coleção de contos traduzida por La Fontaine. Esopo, um fabulista grego que viveu por volta do século VI a.C., contribuiu para o acervo da literatura infantil clássica. Décadas depois, no século XIX, o dinamarquês Hans Christian Andersen trouxe os Eventyr (168 contos publicados entre 1835-1877), que incluíam clássicos como O Soldadinho de Chumbo, O Patinho Feio, A Roupa Nova do Rei, A Pequena Sereia, A Vendedora de Fósforos e A Rainha da Neve, entre outros, que continuam encantando crianças ao redor do mundo até hoje. Andersen buscava transmitir padrões comportamentais que deveriam ser adotados pela nova sociedade em formação e também pretendia demonstrar a ideia de que todos os seres humanos devem ter direitos iguais.

A arte da contação de histórias amplia o universo da literatura, despertando o interesse pela leitura e estimulando a imaginação ao construir imagens mentais. Narrar uma história sempre será um exercício de renovação da vida, um encontro com possibilidades, com o imaginário e o desafio de, em todas as circunstâncias, criar um desfecho de acordo com cada leitor/ouvinte.

Busatto (2003) indica que, para os povos do Oriente, o conto oral era mais do que um simples estilo literário para entretenimento. Eles reconheciam que os contos continham o conhecimento e as ideias de um povo, e que por meio deles era possível transmitir condutas, resgatar valores e até mesmo curar doenças. De acordo com Busatto (2003, p. 17), os povos orientais "acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações, a prescrição era ouvir um conto e refletir sobre ele". Assim, o conto atuava como uma forma de reestruturar o desequilíbrio emocional que causava o distúrbio físico, exercendo um verdadeiro poder terapêutico sobre a pessoa.

O conto oral, seja ele um conto de fadas, um mito, uma lenda ou uma fábula, encanta por nutrir a imaginação e dar mais brilho e vida ao mundo interior. O conto é uma das formas de expressão artística mais democráticas, e nunca terá o mesmo efeito em diferentes pessoas que o ouvem, pois é a história de vida de cada indivíduo que determinará as cores e a música com as quais ela ressoará. O período em que a oralidade predominou foi longo. A jornada desde a articulação dos primeiros sons até a invenção da escrita deixou uma marca profunda no percurso humano.

No Brasil, a tradição oral tem suas raízes nas "rodas de causo" que se formavam após o jantar, nos galpões das fazendas, nas varandas cobertas das casas, nos quintais ao redor da fogueira, ou até mesmo nas calçadas. Foi nessas ocasiões que o contador de histórias, geralmente um visitante, narrava para o grupo de ouvintes uma história interessante, seja ela baseada em eventos reais ou imaginários. Assim, o conto se estruturou como uma forma literária que ainda serve de base para o conto moderno.

No livro de Busatto (2003), é mencionado que Câmara Cascudo apresenta contos autenticamente brasileiros, como os personagens do folclore nacional, Caipora e Curupira, criados pelos povos indígenas que habitavam o Brasil na época da chegada dos portugueses. Cascudo relata que o personagem Curupira foi mencionado pelo Padre José de Anchieta em uma de suas cartas.

Os contos populares atuais diferem daqueles que foram transmitidos pela tradição oral. A transposição desses contos para a escrita implicou em certas adaptações, uma vez que a narrativa oral, além da ênfase e entonação, era acompanhada por outras formas de linguagem, como gestos corporais e mímica, que variavam de contador para contador e são irreproduzíveis na escrita.

Ao iniciar a narrativa, o contador de

histórias tradicionalmente utilizava a expressão "era uma vez... foi um dia... em tempos que já passaram". Essa forma inicial remetia os ouvintes ao passado e sinalizava a transição do mundo real para um mundo irreal, o da fantasia, onde tudo é possível. Esse mergulho no imaginário culminava com a fórmula final: "...e viveram felizes para sempre".

No século XXI, a narração oral ganha uma nova dimensão ao ocupar o espaço digital. Ao abordar a performance do contador nessa era tecnológica, é necessário mudar o foco, compreender e aceitar outras perspectivas e paradigmas de aprendizado e apreciação dessa arte. Isso nos leva a acreditar que o conto da tradição oral é uma das expressões culturais mais autênticas da humanidade. Conhecer sua provável origem é apenas uma curiosidade, pois o conto se adapta ao contexto em que é narrado, como afirma Busatto (2007, p. 28): "como um camaleão, o conto se adapta às cores e tons de cada povo, de cada contador que o narrou". O conto da tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma incrível criação da mente humana que tem se propagado ao longo do tempo.

Ler um livro, em geral, é uma ação solitária, mas ler em voz alta é uma ação solidária, isso é o que faz um ledor ou leitor público. A expressão leitor público não é muito comum em terras brasileiras, podendo ser definida como aquele que lê para um público em voz alta, sendo uma única pessoa ou um grupo. Diferencia-se do narrador, pois apresenta o texto na íntegra, sem digressões ou adaptações (BORTOLIN, 2014, p. 218)

Conforme Cavalcanti (2004), valorizar as narrativas orais é uma maneira de compreender a jornada humana, que superou as barreiras do tempo e dos novos meios de produção. Mesmo que essas histórias tenham sido compiladas por pesquisadores e impressas para publicação, é sabido que elas continuam sendo transmitidas pela tradição oral de geração em geração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de contar histórias é uma das mais antigas e poderosas que existe. Ela tem o poder de nos transportar para outros mundos, de nos fazer experimentar emoções que nunca sentimos antes, e de nos ensinar sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor.

Quando uma história é bem contada, ela nos envolve de uma forma tão profunda que esquecemos de tudo o que está acontecendo ao nosso redor. Nos entregamos à história e nos deixamos levar pela magia do mundo que está sendo criado diante de nossos olhos.

A magia das histórias está em sua capacidade de nos fazer sonhar. Ela nos permite escapar da realidade por um tempo e nos aventurar em mundos que são diferentes do nosso. Nos faz esquecer dos nossos problemas e nos concentrar no prazer da história.

As histórias também nos ensinam sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor. Elas nos mostram diferentes perspectivas, nos ajudam a entender diferentes culturas e nos ensinam sobre o bem e o mal.

A arte de contar histórias é uma arte poderosa que pode nos fazer sonhar, nos ensinar e nos encantar. Ela é uma arte que tem o poder de nos transformar.

As histórias são um presente que nos é dado pelos contadores de histórias. Elas são um lembrete de que a magia ainda existe, e que o mundo é um lugar cheio de possibilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2002.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. Mediação da leitura para leitores-ouvintes. Perspectivas em Ciência da Informação, v.19, n.1, jan-mar, 2014, p.207- 226. Disponível em http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1537. Acesso em 04 ago. 2023.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. O mediador de leitura. Revista Eletrônica Infohome. 2007. Disponível em https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em 04 ago. 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/98). Brasília, 1998.

BUSATTO, Cléo. A arte de contar Histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

BUSATTO, Cléo. Contar & Encantar: pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CAMPOS, Fernanda Rodrigues. A Contação De Histórias Na Constituição De Autoria: Papel & Parceria. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre – RS, 2011, 65f.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2004. PENNAC, D. Como um romance. Barcelona: Anagrama. 1993.